



BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

**Tomás Júlio Leal da Câmara** (1876-1948) – Nasceu em Pangim, Nova Goa, a 30 de Novembro de 1876, filho de um oficial do exército, Eduardo Inácio da Câmara, e de Emília Augusta Leal. Em 1880, terminado o serviço que o pai prestava, como oficial, na Índia Portuguesa, a família regressou à capital da metrópole, Lisboa, onde o jovem Leal da Câmara iniciará os primeiros estudos num colégio. Passou depois para o Liceu da Lisboa, onde publicou os seus primeiros trabalhos no jornal estudantil *O Lyceu Illustrado* (1887). Estava revelado o artista, pois daí em diante nunca lhe faltaram convites para colaborar como ilustrador. Naquele ano ainda publicou em *O Pucha*, *A Comédia* e *O Castanheiro*.

Por pressão do pai, que o pretendia ver médico, fez estudos preparatórios de Medicina na Politécnica, mas acabou por ingressar no curso de Agronomia e Veterinária. De qualquer forma, Leal da Câmara nunca arruma o lápis, nem deixa o ambiente boémio das belas-artes. Entretanto, os acontecimentos, quer no plano da vida privada de Leal da Câmara, quer no plano mais lato do país, evoluíram num sentido que acabou por favorecer o seu ensejo de se dedicar à ilustração. De facto, após o falecimento do pai em Timor, em 1895, Leal da Câmara desenvolve um percurso artístico que o desperta para a causa republicana, pela qual se baterá com a arma do humor gráfico inteligente e impiedoso, mesmo perante instituições ou personagens que se tinham por intocáveis. Numa primeira fase, foi sobretudo colaborador de periódicos, como o *Inferno. Jornal de Arte e de Letras* (Lisboa, 1896), o suplemento literário d'*A Nação* (Lisboa, 1847-1928), a revista *Branco e Negro* (Lisboa, 1896-98), o *D. Quixote. Jornal quinzenal* (Lisboa, 1896), do qual chegou a assumir a direcção artística, e *Os Ridículos* (Lisboa, 1894-1984)<sup>1</sup>. A actividade foi crescente, mas não se quedou pela imprensa, estendeu-se ao livro também. Importa aqui sublinhar, como testemunho da capacidade de ajustar a sua linguagem gráfica

---

<sup>1</sup> Com excepção dos títulos *Inferno* e *D. Quixote*, os restantes fazem parte do espólio da Hemeroteca Municipal de Lisboa, podendo ser consultados no local.



BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

a diferentes públicos, as ilustrações que criou para os contos infantis que Ana de Castro Osório começou a publicar em fascículos a partir de 1897, nomeadamente *Os Dez Anõezinhos da Tia Verde-Água*, *Casa de Meu Pai*, *Esperteza de um Sacristão* e *Princesa Muda*<sup>2</sup>.

No final daquele ano ainda, em Novembro, de parceria com João Chagas, lança *A Marselhesa: suplemento de caricaturas* (Lisboa, 1897-1898), do qual se virá a desvincular para fundar *A Corja. Semanário de Caricaturas* (Lisboa, 1898). Foi um período particularmente prolífero da sátira nacional, que ficou a dever grande parte da sua pujança a Leal da Câmara e a Celso Hermínio. Cada um *per si* ou colaborando no mesmo projecto editorial, o trabalho dos dois autores assinala a primeira ruptura estética com a escola *bordaliana*, inflexão que se viria a consolidar, na primeira década do século XX, por acção das diversas correntes que consubstanciaram o Modernismo português.

Quanto à apreciação positiva da sátira por parte do público e, conseqüentemente, da sua eficácia como arma política, pode avaliar-se pela atenção que a censura dispensava ao artista e aos seus periódicos. Uma perseguição que atingiu o seu ponto máximo com *A Corja*, no tempo da qual o ritmo das “querelas” accionadas pela censura acompanhava, praticamente, o das edições. O semanário conheceu mesmo algumas suspensões, quer como resultado da acção directa da polícia, quer por motivo dos proprietários das tipografias se recusarem a imprimir o jornal, com medo das represálias que daí poderiam resultar.

Em Outubro de 1898, Leal da Câmara alertado por amigos de que a polícia fazia tensão de o prender e deportar, escapa-se para Madrid, onde permaneceu algum tempo. Passou também por França, Inglaterra, Holanda e Bélgica, mantendo sempre palpitante de humor a sua veia artística. A presença

---

<sup>2</sup> Estes e outros contos da autora foram objecto de sucessivas reedições que estão disponível na rede das Bibliotecas Municipais de Lisboa.



BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

das suas “charges” em periódicos como *La Vida Literária*, *El Mundo Cómico*, *Revista Cómica Y Taurina*, *Rire*, *L’Assiette au Beurre*, *Indiscret*, *Caricature*, *Le Rire Belge*, entre muitos outros, conferem a Leal da Câmara a dimensão de um embaixador da sátira nacional. Refira-se ainda que, embora distante fisicamente, o mestre continua atento ao desenrolar dos dias em território pátrio e não faltam jornais e revistas dispostos a publicar as ilustrações que envia por correio.

Após a implantação da República, Leal da Câmara regressou ao país e fixou-se no Porto. Tomou então parte do movimento modernista português que esboçava as suas primeiras manifestações. Alinhando com os que ansiavam por fazer a revolução no campo das artes e da literatura, Leal da Câmara dirigiu um projecto inovador no campo da imprensa humorística: *O Miau* (Porto, 1912), que se afirmava órgão de um grupo de artistas que ficou conhecido por “Os Fantasistas”. Para lá dos aspectos gráficos ou estéticos, importa sublinhar que esta nova geração de desenhadores e humoristas privilegiava a caricatura social, em detrimento da caricatura política.

Ainda no campo da imprensa, é possível encontrar o traço de Leal da Câmara em periódicos como *Os Grotescos: semanário humorístico e literário* (Lisboa, 1912), *A Águia: revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica* (Porto, 1910-1932), *O Mundo* (Lisboa, 1900-1936), *O Riso da Vitória: quinzenário humorístico* (Lisboa 1919-1920), *ABC a Rir: semanário humorístico e de actualidades* (Lisboa, 1921-22), *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada* (Lisboa, 1899-1914), *na Seara Nova: revista quinzenal de doutrina e crítica* (Lisboa, 1921-82), entre muitas outros<sup>3</sup>. O seu trabalho enquanto artista desdobrou-se também pela ilustração de livros, pela exposição de trabalhos, e por conferências sobre a caricatura, a arte em geral e a publicidade. O seu

---

<sup>3</sup> Com excepção dos títulos *Grotescos* e *ABC a rir*, os restantes fazem parte do espólio da Hemeroteca Municipal de Lisboa, podendo ser consultados no local. O *Riso da Vitória* está disponível em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

perfil polémico e combativo não se diluirá, pelo que por mais de uma vez sustentou polémica para defender as suas propostas mais arrojadas, como foi o caso dos desenhos com que pretendia ilustrar a *Velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro. Mas dentro e fora de fronteiras encontrou sempre quem lhe reconhecesse mérito como artista e lhe encomendasse trabalho. Entre 1913-15 fixou novamente residência em Paris. Em 1922, esteve no Brasil, sendo recebido entusiasticamente. Idêntica recepção encontrou em Madrid que visitou em 1945. Ilustrou contos para crianças e decorou o Jardim-Escola João de Deus. Ainda em vida viu o seu nome consagrado pela Sociedade de Belas-Artes. Faleceu na sua casa em Rinchoa, a 21 de Julho de 1948, sendo sepultado no Cemitério de Belas.

Aquilino Ribeiro deixou firmada na obra *Leal da Câmara (vida e obra)*, publicada em 1952, a admiração e a amizade que o unia ao homem e ao artista.

Rita Correia (13/10/2010)

#### **Bibliografia:**

Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, Lda., s.d.

SOUSA, Osvaldo Macedo de – *História da Arte da Caricatura em Portugal*. S.l.: Humorgrafe/S.E.C.S, 1998.